

EM TORNO DAS ELEIÇÕES

José Arthur Giannotti

O Cebrap tem razões para estar em festa: um de seus fundadores, nosso presidente por vários anos e um dos marcos de nossa formação e nossa atuação intelectual, foi eleito presidente da República. Não é porque, confirmando nossa vocação pluralista, os membros do Cebrap se dividiram na polarização entre Fernando Henrique e Lula que a instituição como um todo deixa de festejar o salto para o futuro que a política brasileira acaba de dar. Penso que todos nós percebemos que o fortalecimento de nossa democracia e o compromisso dos dois candidatos no sentido de enfrentar a inflação, como primeira etapa de uma arrancada para o desenvolvimento econômico e busca tenaz de justiça social, reconfiguram os horizontes de nossa história. E se cada candidato preconizou métodos diferentes para alcançar os mesmos objetivos, agora que o povo se pronunciou por meio dos votos, cada um de nós se situa em favor do novo governo ou na oposição, com o mesmo espírito de solidariedade intelectual e cívica que tem marcado a trajetória do Cebrap durante todos esses anos de nossa luta. Mas tendo convívio de perto com Fernando Henrique, aliados e opositores se congratulam por estarem assistindo à formação de um novo governo que tem como chefe um intelectual da mais alta categoria, um democrata dos mais competentes e uma pessoa cuja vida foi antes de tudo dedicada ao pensamento e às causas populares.

Há dois anos ninguém poderia esperar em sã consciência que a tormenta da crise política, agravada pelo furacão do governo Collor, pudesse nos conduzir a um porto tão auspicioso. Por certo a crise ainda não terminou, nem mesmo terminou o processo que pode nos levar à estabilização econômica e a um desenvolvimento sustentado. A astúcia do Plano Real foi ter levado a sério o que economistas matraquearam durante os últimos anos. Se a crise econômica possui uma raiz política, a própria instabilidade política impedia que se implementasse um plano de estabilização tão-só quando todos os pré-requisitos fossem alcançados. Pelo contrário, era preciso escalonar prioridades de tal modo que o sucesso de cada fase criasse bases para um consenso mais amplo, constituindo assim uma hegemonia ao longo do processo, impossível de ser devisada no início. Nessas condições, deslanchado o Plano, sua continuidade e bom êxito passaram a depender da vitória nas eleições que se aproximavam. E Fernando Henrique, precisamente por ter subordinado o Plano a uma estratégia política, graças a ela vinha a ser o candidato natural à sucessão presidencial.

Convém aqui sublinhar a diferença entre um plano eleitoreiro e um plano político. O primeiro arruma apressadamente a casa apenas para ganhar uma eleição, embora o teto venha a cair depois da vitória. O segundo assume o risco de ser gradual e pedagógico, aceitando a possibilidade do fracasso, a fim de que o sucesso venha a reaglutinar as forças políticas, permitindo tentar a etapa posterior com bom êxito. Este porém passa a depender do pulo do gato, daquela visão de estadista capaz de perceber o *timing* do novo passo. Daí a paciência com que cada passo foi anunciado e preparado, de sorte que, no turbilhão da crise, começou a se formar um núcleo de racionalidade na ação governamental que, para se firmar e se espriar, carecia da racionalidade do eleitor. É extraordinário como isto se evidencia a partir das análises dos primeiros dados eleitorais. A supereleição casada em todos os níveis foi desdobrada, no plano do Poder Executivo, em dois momentos: primeiro se resolve a questão básica da Presidência, que se firma como mandato popular dando continuidade ao Plano Real; para deixar que em seguida se resolvam os problemas variados postos pelas eleições dos governadores.

Fernando Henrique é pois eleito com um mandato preciso: dar continuidade ao processo de estabilização econômica, cujo primeiro efeito é emprestar previsibilidade à vida cotidiana. Pagou-se alto preço até se perceber que sem moeda estável os parâmetros do cotidiano se dissolvem no ar. Mas se o eleitor, como mostraram certas pesquisas qualitativas, prefere agora não ter ganho real no salário desde que passe a antever um futuro estável, Fernando Henrique, para cumprir esse mandato que a maioria do eleitorado lhe deu, precisa aprofundar as reformas de base necessárias ao sucesso do Plano visando sobretudo reparar as profundas desigualdades sociais de nosso país, com a mesma paciência, com o mesmo grau de racionalidade, com o mesmo faro de estadista, com que agiu até agora. É nesse sentido que todo o Cebrap, educado na coragem que ele demonstrou na crítica à ditadura, está pronto para apoiá-lo enquanto estiver cumprindo seu mandato, ou criticá-lo quando se desviar dele.

Recebido para publicação em outubro de 1994.

José Arthur Giannotti é ex-presidente e pesquisador do Cebrap. Já publicou nesta revista "Tráfico de esperanças" (Nº 26).

Novos Estudos
CEBRAP
N.º 40, novembro 1994
pp. 3-4
